

EU, TRADUTOR, ME CONFESSO

CORNELIU POPA¹

ABSTRACT. *I, translator, confess.* This is the self-testimony of a young literary Romanian-Portuguese translator, his adventures and misadventures, his difficulties and enormous satisfactions. As a translator of poetry, Corneliu Popa had the opportunity to meet and learn the craft of literary translation with some leading personalities from the two literatures: Fiana Hasse Pais Brandão, Pedro Tamen, Fernando Pinto Amaral, Casimiro de Brito, Ana Blandiana, Mircea Dinescu, Marin Sorescu, Dinu Flamand. On what concerns literary prose, he had the great challenge of translating a Romanian literature masterpiece: *Wasted Morning* by Gabriela Adameşteanu, with the added difficulties of dealing with a living contemporary author. His translations were published by prestigious Portuguese publishers, including Leya and Guerra & Paz, with the support of the Romanian Cultural Institute.

Keywords: *Eliade, Adameşteanu, portuguese, romanian, literary translation, translator*

REZUMAT. *Eu, traducătorul, mărturisesc.* Aceasta este mărturia unui tânăr traducător literar din română în portugheză, cu aventurile și rătăcirile sale, cu dificultățile și satisfacțiile sale enorme. Ca traducător de poezie, Corneliu Popa a avut ocazia să se întâlnească și să învețe arta traducerii literare cu unele dintre cele mai importante personalități ale celor două literaturi: Fiana Hasse Pais Brandão, Pedro Tamen, Fernando Pinto Amaral, Casimiro de Brito, Ana Blandiana, Mircea Dinescu, Marin Sorescu, Dinu Flămând. În ceea ce privește romanul, el a acceptat marea provocare de a traduce în portugheză o capodoperă a literaturii române: *Dimineața pierdută* de Gabriela Adameşteanu, cu dificultățile

¹ Tradutor freecancer com larga experiência, Corneliu Popa foi professor convidado do Instituto Camões na Universidade Babeş-Bolyai. Participou em numerosos festivais de poesia, revestindo em português obras de alguns poetas romenos de vultos, entre os quais Ana Blandiana, Mircea Dinescu, Magda Cârneci, Ioan Es. Pop. Em 2008 publica na Editora Guerra & Paz o *Diário Português* de Mircea Eliade e em 2012, na prestiosa editora Dom Quixote, o romance de Gabriela Adameşteanu *Uma Manhã Perdida*, obra prima da literatura romena contemporânea, recebido com grande interesse pelos críticos literários lusitanos. Em 2017 publicou na Guerra & Paz o volume de versos de Dinu Flamand *Sombras e Falésias*. E-mail: corneliupopa@gmail.com

suplimentare de a avea de-a face cu un scriitor contemporan în viață. Traducerile sale au fost publicate de prestigioase edituri portugheze, printre care Leya și Guerra & Paz, cu sprijinul Institutului Cultural Român.

Cuvinte cheie: *Eliade, Adameșteanu, portugheză, română, traducere literară, traducător*

Introdução

Tornei-me lusitanista graças a uma série de acontecimentos e encontros, alguns fortuitos, outros provocados, que me iniciaram, me moldaram e me levaram a percorrer o caminho tão desafiante quanto compensador das traduções literárias de romeno para português.

Em 1990 ofereci-me como voluntário na Biblioteca Central Universitária de Bucareste que precisava de conhecedores de línguas estrangeiras para fazerem uma triagem dos milhares de livros que lhes chegavam, doados de todo o mundo, após a derrota do regime comunista. Não havendo a possibilidade de sermos retribuídos, no final do trabalho foi-nos permitido escolher alguns volumes. Escolhi, ainda hoje não sei bem como e porquê, um pequeno embrulho que vinha de Paris e continha uma *Breve Gramática do Português Contemporâneo* (Cunha & Cintra 1985), um *Dicionário Lello Prático Ilustrado* (Lello & Lello 1970) e uma antologia poética de Al Berto. As estrelas estavam alinhadas e o meu destino traçado!

Demorei só mais uns dias até adquirir outro livro que iria mudar a minha vida: *Mică gramatică portugheză*, da autoria de Micaela Ghițescu (1984), personalidade maior entre os tradutores romenos do universo cultural luso, cuja amizade e apoio me acompanharam sempre. Foi assim, e com uma cassete de Amália Rodrigues, que iniciei, por própria conta, a minha aventura na cultura de Camões. No Outono do mesmo ano ingressei na Faculdade de Letras de Bucareste, optando pelo português como segunda língua.

Tive professores maravilhosos, dedicados e entusiastas que semearam em mim as bases sólidas da língua e cultura portuguesas e da paixão por Portugal: Mioara e Dan Caragea, António Ferro, Anca Milu-Vaideseșan, Mihai Zamfir.

Enquanto estudante tive o privilégio de integrar, desde o primeiro ano, a equipa de jornalistas do departamento de português da Rádio Roménia Internacional, o que me proporcionou duas vantagens que mais nenhum colega meu teve: a oportunidade de conhecer muitos portugueses de passagem pela Roménia dos anos 90 e o exercício diário da tradução do romeno para português.

Daí, talvez, o meu à vontade, desde bem cedo, na língua portuguesa. Sempre me senti, por conseguinte, mais confortável a traduzir do romeno para o português do que ao contrário, como seria mais esperado.

Os inícios: traduzindo poesia

Em 1995 tive, pela primeira vez, a ocasião de entrar nos laboratórios selectos das traduções literárias: fui convidado como intérprete para o Seminário Internacional de Poesia de Satu Mare. Os saudosos Egito Gonçalves e Laureano Silveira foram os poetas convidados para uma confraternização de uma semana com duas equipas de jovens poetas romenos, ao fim da qual saíram do prelo, em 1997, pela mão da Editora Decalog de Satu Mare, dois volumes de poesia, fruto da tradução colectiva: *Partea neagră a părții albe*, de Laureano Silveira (1997), e *Poem și foileton*, de Egito Gonçalves (1998). Tive, por essa ocasião, noção, pela primeira vez, ao vivo e a cores, do método e da disciplina que a aventura da tradução exige.

Um ano mais tarde, enquanto me encontrava a estudar Língua e Cultura Portuguesas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, recebi, com enorme surpresa e honra, o convite para participar na visita de resposta: Marin Sorescu e Nicolae Diaconu estiveram durante uma semana na fabulosa Casa de Mateus do Conde de Vila Real a serem traduzidos por alguns poetas portugueses prestigiados, entre os quais Fiamma Hasse Pais Brandão, Pedro Tamen, Fernando Pinto Amaral, Casimiro de Brito e Fernando Echevarría. Em duas sessões diárias, de manhã e à tarde, as equipas de poetas-tradutores debruçavam-se sobre os poemas dos convidados, sendo o papel do intérprete aquele de fazer as traduções literais, brutas, e o dos poetas de as revestirem poeticamente em português. Ter a oportunidade não apenas de conviver com vultos das duas literaturas, mas também de trabalhar com eles, de os observar com curiosidade ávida e de aprender com eles, de lhes “roubar” o ofício, foi, sem dúvida, uma experiência única, um privilégio ímpar.

Uma vez aceite nos círculos literários, surgiram novas oportunidades para traduzir em português alguns dos mais relevantes poetas romenos contemporâneos convidados nos Festivais de Poesia de Aveiro e Porto Santo e também nas Noites de Literatura Europeia em Lisboa: Ana Blandiana, Mircea Dinescu, Magda Cârneci, Ioan Es. Pop, Ion Mureșan, Nicolae Prelipceanu, outras tantas oportunidades de continuar a aprendizagem, de conhecer vultos das duas literaturas e dar a conhecer a minha voz emergente entre os tradutores literários.

O grande desafio da tradução de poesia não é encontrar as palavras certas, nem sequer acertar nas rimas ou musicalidade interna dos versos, mas

sim transportar a vibração poética, fazer com que um poema em romeno o seja também em português. Não bastam, por conseguinte, os dotes linguísticos e o talento de tradutor; é necessária alguma sensibilidade, alguma identificação com a Poesia, o gosto e a bagagem de leitura em verso. Confesso que tenho muito gosto em traduzir poesia, talvez por o resultado ser mais imediato: um poema traduzido nasce logo, não tem centenas de páginas, não precisa sequer de um editor para ser divulgado. E o processo de trabalho é quase sempre o mesmo: começa por uma tradução literal que depois é aprimorada, editada, esculpida até o resultado ser um poema em português. E o maior elogio para o tradutor será: “parece que foi escrito em português”.

O projecto mais ambicioso e trabalhoso no campo da poesia surgiu, na continuação dos trabalhos anteriores, quando Dinu Flămând, poeta e, ele próprio, prestigiado tradutor da obra de Fernando Pessoa para romeno, me contactou para lhe revestir em português um volume de poemas. O desafio era enorme, não apenas porque o poeta estava vivo, o que já não seria uma novidade para mim, mas sobretudo porque também era tradutor e conhecedor da língua portuguesa. Só para ajudar, a edição seria coordenada por António Lobo Antunes. Com tanto peso de responsabilidade aceitei o trabalho com uma condição: traduzir primeiro dez poemas que fossem submetidos à leitura de Lobo Antunes para percebermos todos se o projecto teria pernas para andar comigo a traduzir.

Poeta intelectual, Dinu Flămând escreve uma poesia erudita, que sorve as suas raízes nas culturas clássicas que ressuscita para a contemporaneidade. A experiência pessoal e a vivência sentimental do poeta carregam a sua obra de um intimismo difícil de traduzir. Mas a sorte de qualquer tradutor de romeno-português talvez seja o facto de existirmos, romenos e portugueses, em ambientes semelhantes, não apenas a nível linguístico, mas também cultural e comportamental.

Após alguns meses de trabalho e vários olhos a rever os textos, o volume *Sombras e Falésias* de Dinu Flămând (2017) viu a luz do prelo pela editora Guerra & Paz, com um magnífico e muito generoso prefácio de António Lobo Antunes, que nos honrou também com a sua presença e intervenção cativante no lançamento bastante participado na livraria Bertrand Picoas Plaza, em Lisboa.

Traduzindo ensaio e prosa

Mas a estreia nas estantes das livrarias portuguesas fi-la com outro livro, um volume de história das civilizações do saudoso historiador Gheorghe Ceaușescu, (2007) intitulado *Nascimento e Formação da Europa*, publicado

pela Fim de Século e tendo como madrinha a Micaela Ghițescu, eminente – nunca será demais dizê-lo – promotora da cultura em língua portuguesa na Roménia². O principal desafio, nesse caso, foi sobretudo identificar as personagens das mitologias grega e romana invocadas pelo autor, sendo que a linguagem, em geral, não levantava dificuldades. O livro desenha uma história da Europa em versão “para todos”, quase escolar, procurando levar o leitor até às raízes do nosso europeísmo.

A maior dificuldade em publicar qualquer tradução não está em fazê-la, mas sim em encontrar uma editora interessada. A cultura romena é, não apenas em Portugal mas penso que em todo o mundo, uma cultura menor, que não apela ao interesse de muita gente. Não fosse o apoio do Instituto Cultural Romeno, através dos programas de financiamento das edições estrangeiras, pouco ou nada teríamos publicado em Portugal, um país que anda pelas ruas da amargura económica há já alguns anos e em que as editoras lutam pela sobrevivência, ganhando algum oxigénio por altura de Natal quando as compras sobem. Todas as publicações que tive a sorte de traduzir foram publicadas, portanto, com apoio imprescindível do ICR através do Centro do Livro (Centrul Național al Cărții) e o seu TPS - Translation and Publication Support Programme, quer se tenha tratado de desconhecidos para o público português ou de nomes que deveriam soar conhecidos, como Mircea Eliade.

Foi, novamente, por intermédio da incansável Micaela Ghițescu que o público luso teve avesso ao *Diário Português* de Eliade (2008), uma edição da Guerra & Paz. O lançamento contou com a presença especial do professor Sorin Alexandrescu, sobrinho do autor³, e o livro suscitou algum interesse por parte dos historiadores e da imprensa portuguesa, sobretudo graças às considerações que Eliade regista durante a sua passagem por Portugal (adiado de imprensa e adido cultural da embaixada da Roménia em Lisboa entre 1941 e 1945) sobre o ambiente político e cultural da época, incluindo um retrato de Salazar⁴. Era o único diário de Eliade que, por vontade do autor, só podia ser publicado depois da sua morte e o único manuscrito, o que criou dificuldades de transcrição e algumas incorrecções, corrigidas na edição portuguesa (que apresenta mesmo assim, gralhas imperdoáveis). Enquanto esteve em Portugal, Eliade foi um observador muitas vezes crítico, mas nunca mal-educado ou hostil, de Portugal e dos seus habitantes, tornando-se

² Em Ghițescu (2012) há uma apresentação detalhada de uma carreira de tradutora literária que abrange algumas décadas.

³ Em Alexandrescu (2006) o leitor pode encontrar um relato da estadia de Mircea Eliade em Portugal.

⁴ Eliade (1942) é a primeira edição deste livro em que se pode encontrar uma descrição do Portugal da década dos '40.

num documento histórico pessoal de um tempo concreto. Portugal foi um período de luto (pessoal e político) para Eliade, e a sua amargura transcende as trezentas páginas de diário, culminando com a última frase do volume: “Aqui fica a Nina, uma oitava parte da minha vida; e muitíssimos sofrimentos” (Eliade 2008: 290).

Desafios estilísticos: *Uma manhã perdida*

Quando me falaram, pela primeira vez, no projeto de tradução de um dos mais importantes romances da literatura romena *Uma manhã perdida* de Gabriela andavam à procura duma colega portuguesa, porque a autora queria impreterivelmente que o livro fosse traduzido por um nativo.

Vimos a saber que a tal colega já não se encontrava em Portugal, fora estudar representação em telenovelas no Brasil, aventura que já em si, convenhamos, daria um romance. Foi assim, que o projeto chegou até mim e fiquei radiante.

Para quem ainda não teve oportunidade de conhecer, *Uma manhã perdida* é um retrato da Roménia no deflagrar da Primeira Guerra Mundial e no auge do comunismo. A personagem principal, a Vica, é uma mulher de 70 anos que, numa viagem para visitar a irmã e a Ivonna, antiga patroa, vai conversando com várias pessoas a quem conta a história da sua vida, que é também a história da Roménia. No início a autora tencionava escrever apenas um conto que explorasse a linguagem dos habitantes do campo, das pessoas mais simples, como a Vica, e daqueles que viviam em cidades e das classes mais altas, com a personagem de Ivonna. A versão final é um livro extenso que reúne três romances num só: a história principal, tendo como protagonista a Vica, e que forma como que um invólucro para mais dois exercícios de estilo: a história duma tarde num jardim transcrita da perspectiva das várias personagens e um diário que se pretende um testemunho do destino histórico da Roménia durante a Primeira Guerra Mundial.

Já conhecia o livro desde a minha adolescência e já sabia que era um verdadeiro desafio a vários níveis. Logo, desde o início, porque a autora está viva, e a nossa responsabilidade enquanto tradutor e mensageiro do autor torna-se maior e mais pesada. Entrei em contacto com a Gabriela Adameşteanu, mal assinei o contrato de tradução com a Dom Quixote, e devo confessar que fui recebido com reservas. Já tinha traduzido uma vintena de páginas quando recebi uma mensagem da parte dela, em tom bastante preocupado porque ainda não lhe tinha pedido nenhum esclarecimento e era impossível que não tivesse nenhuma dúvida. Fiquei a saber, assim, que a Gabriela era “daqueles” escritores que não largam os filhotes, o que tanto

poderia ser proveitoso para mim, como dar para o torto. Decidi, por conseguinte, deixar as coisas resolvidas desde o princípio e enviei-lhe uma mensagem extensa em que lhe explicava que conhecia bastante bem tanto a obra, como a realidade linguística e cultural nela descrita, apesar de, tal como a autora, não ter vivido nas épocas ilustradas.

Ao longo da tradução trocámos imensas mensagens, algumas com dúvidas minhas, outras com sugestões da autora e encontrámos sempre o meio caminho, excepto no caso duma opção editorial em que tive de levar a minha avante: tratando-se duma cultura pouco conhecida em Portugal, achei por bem colocar em notas de rodapé esclarecimentos acerca de personagens históricas, ou traduções das frases em francês que servem para caracterizar a família burguesa da Ivonna. Gabriela Adameşteanu discordou, por achar que tais notas quebram o ritmo da leitura, além de não se tratar dum livro científico para precisar de tantas explicações. Por opção dela, o livro deveria trazer no final uma lista de personagens históricas para quem a quisesse consultar. No entanto, e após falar com a redatora do livro, conseguimos impor o atual formato, por achar que se adequa mais à tradição editorial portuguesa e por, efetivamente, servir a obra.

Anthony Burgess (1984: 4), autor da *Laranja mecânica* considerava que “translation is not a matter of words only; it is a matter of making intelligible a whole culture”⁵. Foi esta a minha abordagem enquanto tradutor, e a própria obra se cola perfeitamente a este modelo e até vai mais além: não apenas retrata uma época, um país, uma cultura, mas também constrói personagens com dimensão universal. Foi este um dos meus objetivos que espero ter alcançado: tornar a Vica numa personagem que o leitor português pudesse identificar no seu dia-a-dia. A Vica seria na realidade portuguesa a porteira que sabe tudo, controla tudo e tudo comenta. Ou a empregada doméstica rabugenta que corta na casaca da patroa. Tal como a família da Ivonna encontraria parentes algures na linha de Cascais.

Não sei como será noutras línguas, mas o facto de as personagens de Gabriela Adameşteanu terem uma grande parte da sua caracterização feita com base no seu discurso directo, facilitou, de facto, a tradução para português, apesar de também ser um enorme desafio. Tirando a parte do Diário, todo o livro assenta numa grande oralidade, a autora controlando com excelência os vários registos linguísticos: a Vica, por exemplo fala mal romeno – e agora também português –, ela diz “a gente fazemos”, “eles hadem vir”, corta as palavras “Que ‘tás p’raí a resmungar”, “‘tou preocupada c’ a tua mãe”.

⁵ A tradução não é apenas uma questão de palavras: é uma questão de tornar inteligível toda uma cultura. (nossa tradução)

Já do lado oposto, a Ivonna e seus familiares usam uma linguagem mais elevada, em que, por exemplo, o marido trata a esposa por você: “- Oiça, você não faça essas crises comigo!”, e abusam de vocabulário em língua francesa.

Quando contei ao professor Mihai Zamfir que estava a traduzir *Uma manhã perdida*, olhou para mim e sem pestanejar disse: “Impossível!”. Entendo perfeitamente o que queria dizer. É impossível reproduzir com fidelidade e consistência a linguagem exuberante da Vica. E se em romeno essa linguagem serve também para divertir o leitor, em português ela passa mais pelo papel de definir a personagem. Não pretendo que tenha feito a tradução perfeita – afinal só tive à disposição seis longos meses enquanto a versão romena já viu sair seis edições revistas pela autora. Aliás, estava eu a traduzir os últimos capítulos, quando eis que saiu uma nova edição que a autora insistiu que seria a definitiva e aquela que deveria utilizar, portanto foi preciso confrontar essa edição com a tradução já feita.

Enquanto tradutor, não só neste caso, mas também nos outros, abordo a obra com humildade e a consciência que não devo ser eu a estrela. Não tenho, por conseguinte, nenhuma pretensão de reinventar e rescrever o romance. Quem traduz sabe que os nossos pequenos orgulhos e satisfações se alimentam, sobretudo, de pequenas vitórias, quando encontramos soluções para situações difíceis ou impossíveis como dizia o professor Zamfir. Como, por exemplo, quando tive de achar equivalentes para algumas alcunhas com que a Vica brinda os seus conhecidos: *Mârlanca* tornou-se na *Pacóvia*, *Moapsa* virou em português a *Buldoga*, *Matracuca* encontrou um correspondente português no igualmente sonoro, a *Matrafona*, enquanto para o tio somítico *Spală-Varză* optei pelo não menos expressivo *Unhas-de-Fome*.

Igual esforço foi necessário para revestir em português alguns ditados inventados pela autora pela via das suas personagens, como por exemplo: “femeia muncită nu-i bună nevastă” - “mulher que trabalha é esposa que falha”, “Nevasta mea când vede acu,/ Parcă vede pe dracu...” - “Quando ela pega na agulha, sai logo garabulha” ou ditados já existentes como o romeno “vrei, calule, ovăz?” pergunta com resposta óbvia que se reencontra no português “E o Papa é católico?”.

Porque o livro é construído com base em recuos temporais e na contagem do mesmo evento pela visão de várias personagens, foi necessário elaborar um método de tradução para manter a consistência e garantir, por exemplo, que a mesma frase encontrada em várias partes do livro mantém a mesma forma. Também precisei de fazer tabelas de nomes próprios e respetivas alcunhas, listas de nomes de plantas, de tecidos, termos da costura e ciências militares. Dado o prazo de entrega apertado, dediquei seis horas diariamente à tradução e precisamente porque coloquei os interesses da obra

acima dos meus orgulhos pessoais, à medida que fui traduzindo o texto foi revisto por dois bons amigos, uma romena e um português.

Numa entrevista ao jornal *Público* (Lucas 2012), afirma a autora Gabriela Adameşteanu:

“Fui muito feliz e tive muita sorte com o livro, e o livro teve muita sorte porque continua vivo e de boa saúde, continuamos a falar dele. Está traduzido em 11 línguas. Quando o escrevi não pensei sequer que fosse possível traduzi-lo. Se pensasse talvez não tivesse posto tantas complicações estilísticas na personagem. Muita coisa permanece intraduzível. Cada personagem fala de forma diferente. Aprendi muito acerca desse falar e de todas as alterações que a fala sofreu nos últimos 60 anos: o modo de contar memórias, de as fazer passar. Não é possível passar isso numa tradução, por melhor que ela seja”.

Sem querer puxar, necessariamente, a brasa à minha sardinha, gosto de pensar que foi precisamente essa a minha principal vantagem de tradutor: conhecer bem os registos linguísticos da obra em romeno e as suas realidades históricas. A dificuldade foi transpô-los de maneira credível para a realidade linguística portuguesa. Não consigo, no entanto, imaginar as dificuldades que teria de enfrentar um tradutor que não estivesse integrado mentalmente no imaginário, cultura e história da Roménia. Neste caso específico de *Uma manhã perdida*, identificarmo-nos com a atmosfera ficcional e a realidade histórica torna-se, sem dúvida, numa mais-valia.

A tradução e a publicação do livro contaram com o apoio indispensável do Instituto Cultural Romeno através do Centro Nacional do Livro, programa TPS (Translation and Publication Support) e o lançamento foi feito em Julho de 2012 na presença de Gabriela Adameşteanu e com apresentação de Lídia Jorge. A editora Leya fez um trabalho excelente de promoção que a própria autora não estava à espera. Deu várias entrevistas na imprensa escrita e visual e várias crónicas saíram nas páginas especializadas dos jornais portugueses. O feedback dos críticos literários, dos leitores, mas também de pessoas da sua confiança como a Lídia Jorge que descobriu o livro e insistiu junto da editora para a publicação da versão portuguesa de *Uma manhã perdida*, espero que tenham dado a Gabriela Adameşteanu, a confiança numa boa tradução, mesmo que impossível.

À guisa de conclusão

O verdadeiro tradutor é um apaixonado, é dedicado, exulta com as pequenas batalhas que ganha ao longo do seu trabalho, fica com dores nas

articulações e, por vezes, desespera quando não encontra a solução mais acertada ou quando essa surge já depois da publicação da obra. É o momento mais frustrante. Não gosto, por isso, de reler as minhas traduções, porque a tendência imediata é de pegar numa caneta e fazer correcções e anotações à volta do texto. Prefiro, portanto, largar o fruto da tradução logo após a sua edição, mas, claro está, após imensas revisões, leituras por alguns amigos muito pacientes e a verificação profissional da editora.

Sou um privilegiado: não faço traduções por necessidades pecuniárias, faço-o por gosto, por prazer e de coração cheio por poder contribuir para a divulgação da literatura romena em Portugal. Com a promessa de continuar a fazê-lo, com dedicação, enquanto me sentir capaz e houver oportunidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adameşteanu, A. (2012) *Uma Manhã Perdida*. Trad. Corneliu Popa. Lisboa: D. Quixote.
- Alexandrescu, S. (2006) *Mircea Eliade, dinspre Portugalia*. Bucureşti: Humanitas.
- Burgess, A. (1984) "Is translation possible?". In *Translation: The Journal of Literary Translation* XII, 3-7.
- Ceaşescu, G. (2007) *Nascimento e Formação da Europa*. Trad. Corneliu Popa. Fim de Século.
- Cunha, C., Cintra, L. (1985) *Breve gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Eliade, M. (1942) *Salazar şi revoluţia din Portugalia*. Bucureşti: Gorjan.
- Eliade, M. (2008) *Diário português*. Trad. Corneliu Popa. Lisboa: Guerra e Paz.
- Flămând, D. (2017). *Sombras e Falésias*. Trad. Corneliu Popa. Lisboa: Guerra & Paz.
- Ghişescu, M. (1984). *Mică gramatică portugheză*. Bucureşti: Editura Ştiinţifică.
- Ghişescu, M. (2012) *Între memorie şi uitare*. Bucureşti: Humanitas.
- Gonçalves, E. (1998). *Poem şi foileton*. Satu Mare: Decalog.
- Lello, J., Lello, E. (1970) *Dicionário prático ilustrado*. Porto: Lello & Irmão.
- Lucas, I. (2012) "Uma manhã perdida no comunismo, uma tarde ganha na revolução". In *Público*. Disponível online: <https://www.publico.pt/2012/07/20/jornal/uma-manha-perdida-no-comunismo-uma-tarde-ganha-na-revolucao-24886270> (último acesso 20/11/2017)
- Silveira, L. (1997). *Partea albă a părţii negre*. Trad. Romulus Bucur, Ioan Moldovan, Alexandru Muşina, Corneliu Popa. Satu Mare: Decalog.